

A Pintora Claudia Furlani e os Anos 1980



Claudia Furlani — tela ao fundo —
“Melodia Visual”, acrílica sobre tela, 1,40 x 1,60

Que me perdoem os eruditos críticos de arte, a chamada geração 1980 de artistas plásticos é pobre.

Pedaços de pano costurados em gomo para serem pendurados na parede, florzinhas que chegam a alcançar um milhão de dólares em leilões internacionais, instalações e colagens que só fazem sentido para os seus criadores, um prego enferrujado batido em pedaço de madeira de caixote de feira e o título *As coisas acontecem*, acrescido de longa “explicação filosófica”, são mesmo obras de arte?!

Boa parte dessa geração está presa, direta ou indiretamente, ao *ready made*, ávida em transportar elementos da vida cotidiana, *a priori* não artísticos, para o campo das artes. Reduzindo o tema, isso já atingiu o seu ponto máximo com *A fonte*, de Marcel Duchamp, que é arte conceitual, e não estética. E se é conceito, uma vez atingido, esgota o gênero.

Muito diferente do quadrado negro de Kasimir Malevitch, ao qual se referia como criação pura da arte, o “zero das formas”, também conceitual, mas rico em outras potências; tão

importante que abriu visuais para o concretismo, para o colorido em si, para as variedades formais estáticas e cinéticas.

Com Duchamp, que impregna boa parte da geração 1980, não há novos caminhos. São produções que apenas estimulavam conceitos, não funcionam como beleza sensível em si, um dos objetivos primordiais da estética.

Usar outros “mictórios”, ainda que sejam variantes inteligentes, é permanecer imanente no mesmo padrão, sem atingir a extravagância, a excentricidade e o singular já atingidos pelo urinol verdadeiro de Duchamp. Aos artistas que tentam segui-lo, por mais felizes que sejam em suas criações, acaba só lhes restando a parte ruim, o esdrúxulo da coisa, porque serão sempre arremedos do que já foi bem-feito.

Porém, entre a geração 1980, evidentemente, alguns são ótimos: entre eles aí está a linda Claudia Furlani. Esta, sim, desenha muito bem, esculpe, “pinta e borda” com tintas e pincéis, talentosíssima animadora e agitadora cultural.

Recém-chegada de Barcelona, encontra-se totalmente impregnada, se não tomada, do magno Antoni Gaudí i Cornet, talvez um dos maiores gênios da arte de todos os tempos. Certa vez, o magistral artista, ainda criança, escutou de seu professor que os pássaros podiam voar graças às asas e Gaudí

contestou imediatamente, dizendo que galinhas tinham asas, mas as utilizavam apenas para correr mais depressa! Claudia é dotada dessa mesma capacidade de observação, vê além das primeiras aparências, depreende intuitivamente as segundas, as terceiras e cria acima do manifesto e patente.

Antes dessa atual fase, Claudia Furlani abraçara o ecletismo, às vezes seguindo tendências do momento; outras, procurando caminhos; e, ainda, por puro prazer em novas experimentações. Mas agora, ao que parece, é Gaudí que está em sua mente de artista. Telas grandes, bem coloridas, nas quais o movimento e as múltiplas composições em aparente mistura de elementos diversos formam um conjunto bem decorativo, uno e coeso, intuitivamente ditado.

Claudia Furlani (www.claudiefurlani.art.br) é professora de artes da APM, ou seja, “prata da casa”, e estará brevemente expondo seus recentes trabalhos nesse local. Vale a pena conferir. Parabéns, Claudia.

Guido Arturo Palomba

Diretor e Coordenador Cultural da APM

Escola Paulista Medicina (Unifesp)

Comemora 75 anos (01/06/1933 – 01/06/2008)

Manifesto de sua fundação

Adhemar F. Carvalho Filho

Hoje, no segundo milênio da era cristã, o mundo passa por profundas transformações. E essas mudanças tornaram-se mais evidentes após a década dos anos dourados de 1950.

As fronteiras foram alteradas, abarcando confins nunca antes imaginados. Dogmas antigos desmoronam, e o que parecia sólido desmancha-se no ar, provocando espanto diante de velhas certezas desmentidas.

As dimensões e barreiras do desconhecido são ignoradas. E vemos, em segundos, universos novos abrirem-se diante de nossos olhos, rompendo tudo que antes parecia intocável.

É tal o desenvolvimento desta era, que até a licenciosidade e corrupção tornaram-se mais aprimoradas, vergonhosas e rápidas.

Nesse contexto, diante da epidemia de descabros, roubos e assaltos perpetrados na política, quero apresentar em um breve relato a drástica mudança de conduta da sociedade da qual faço parte; apresentar, como exemplo, a classe médica à qual pertenço.

Formei-me no ano de 1950, portanto, a 13ª turma da Escola Paulista de Medicina, tendo como paraninfo Octavio de Carvalho, médico, professor, primeiro diretor e líder de uma geração, o qual tinha como verdade incontestável a obra que realizou, fundou, amou e que hoje paira imperecível e coberta de frutos.

Daqueles que conviveram com esses mestres, ainda hoje na sala Leitão da Cunha, na EPM, poderemos ouvir o eco de suas vozes, transbordantes de ideais e perseverança, criando os alicerces dessa monumental universidade, apenas com a coragem e a força que só os grandes de espírito e de visão possuem.

E para lembrarmos quanto a medicina deve a esses abnegados que firmaram sua fundação — em 01/06/1933 —, transcrevo os princípios básicos desta a seguir.

Os signatários fundadores da Escola Paulista de Medicina se congregam em sociedade civil despidos de qualquer intenção de lucro material. Segundo disposições expressas em seus estatutos, as quotas de formação do capital inicial não serão recuperadas, os lucros decorrentes do funcionamento da escola serão integralmente aplicados na melhoria de suas instalações, e, no caso de liquidação da sociedade, o seu patrimônio se reverterá em benefício de instituições científicas idôneas.

Anunciando ao público sua decisão, os signatários estão certos de que servem à coletividade e dela esperam amparo e colaboração.

- 1) Dr. Afrânio do Amaral
- 2) Dr. Alvaro Guimarães Filho
- 3) Dr. Alípio Corrêa Neto
- 4) Dr. Antonio Prudente
- 5) Dr. Antonio Carlos Pacheco e Silva
- 6) Dr. Antonio Bernardes de Oliveira
- 7) Dr. Almeida Junior
- 8) Dr. Archimedes Lamoglia
- 9) Dr. Carlos Fernandes
- 10) Dr. Décio Queiroz Telles
- 11) Dr. Domingos Define

- 12) Dr. Dorival Cardoso
- 13) Dr. Eduardo Ribeiro da Costa
- 14) Dr. Fausto Guerner
- 15) Dr. Felício Cintra do Prado
- 16) Dr. Felipe Figliolini
- 17) Dr. Flávio Fonseca
- 18) Dr. N. Rocha Lima
- 19) Dr. Jairo Ramos
- 20) Dr. José Medina
- 21) Dr. José Ignacio Lobo
- 22) Dr. José Maria de Freitas
- 23) Dr. João Moreira da Rocha
- 24) Dr. Luís Cintra do Prado
- 25) Dr. Marcos Lindeberg
- 26) Dr. Nicolau Rosseti
- 27) Dr. Octavio de Carvalho
- 28) Dr. Oliverio Oliveira Pinto
- 29) Dr. Otto Bier
- 30) Dr. Paulo Mangabeira Albernaz
- 31) Dr. Pedro de Alcantara
- 32) Dr. Rodolfo de Freitas

* Deixa de assinar o manifesto Dr. A. Lemos Torres, por estar ausente do País.

Realmente, estou certo de que gigantes como esses, despidos de ambições pessoais e materiais, e demonstrando um patriotismo e renúncia tão elevados, ocupam com absoluta certeza um lugar no “panteão dos deuses”, ao lado, naturalmente, de outros imortais da Medicina.

Adhemar F. Carvalho Filho
Da 13ª Turma da EPM, Cirurgião Geral e Escritor

Rica... (pobre?) Venezuela

M. I. Rollemberg

Há algum tempo vimos acompanhando essa “novela”, cujo astro principal, o atual presidente “ditador (?)” da Venezuela, em uma atitude insólita — nem tanto se consi-

derarmos os ex-ditadores militares deste continente —, insiste em tentar cooptar todos os países da América Latina por meio de uma esdrúxula fórmula governamental sob sua “sublime” liderança.

Em meus tempos de estudante de medicina, aquele país vivia sob o tacão de um outro militar — coronel Pérez Jiménez, que perdurou por quase vinte anos, recorde que o atual pretende suplantar. Em razão dos intercâmbios culturais patrocinados pela Fundação Rockefeller, a qual sempre prestigiou a Universidade de São Paulo, as faculdades recebiam alunos de países latino-americanos. Tive colegas do Panamá, Peru, Bolívia, Colômbia, Venezuela, entre outros. O que diferenciava estes últimos dizia respeito às polpudas mensalidades recebidas, em contraste flagrante com o restante dos alunos. Nós nos questionávamos sobre o porquê de estudantes que recebiam tão avantajadas mensalidades não tivessem faculdades suficientes para cursá-las em seu próprio país. Já naquela época a Venezuela distinguia-se pelo fato de estar assentada sobre um lençol de petróleo, gerando uma fortuna com sua exportação. No entanto, o que ouvíamos era o fato de importarem tudo dos Estados Unidos, de água potável até alface! Onde, então, era gasta toda aquela fortuna adquirida com a venda do precioso líquido?

Muitos anos depois fui convidado oficial a participar de um Encontro Mundial sobre Pneumoconioses naquele país. Viajei na companhia venezuelana Viasa, que não existe mais. Sentei-me ao lado de um casal de portugueses que possuíam uma marcenaria em Caracas. Estavam muito bem financeiramente, mas se queixavam da dificuldade em encontrar pessoas para trabalhar em seu estabelecimento, uma vez que os operários locais preferiam gozar das benesses oferecidas pelo governo, promovendo uma sangria sem fim no erário público. Não foi por outra razão que exigiam visto



de todo estrangeiro. Não queriam concorrência. Naquela época, sua moeda só era suplantada pelo dólar americano.

Fiquei hospedado em um luxuoso hotel-flat — Anaulco Hilton. Ao tentar

fazer a barba não pude utilizar meu barbeador elétrico porque as tomadas locais não aceitavam aparelhos que não fossem americanos. Fui obrigado a comprar um barbeador descartável em um supermercado, no qual todas as mercadorias expostas eram importadas, inclusive o aparelho de barba — *made in Brazil*. As prateleiras estavam recheadas das melhores bebidas do mundo a preços convidativos. Na ocasião, as importações em nosso país estavam proibidas e ao voltarmos do exterior só podíamos comprar uma mísera garrafa de whisky no *free-shop*. Em compensação, pelas ruas estreitas de Caracas trafegavam carros americanos de 12 cilindros, queimando a gasolina mais barata do continente!

Os congressistas foram recebidos oficialmente pelo próprio supremo mandatário no palácio presidencial “La Casona”, que no linguajar característico de conhecido repórter social da época era classificado como sesquipedal.

Na volta, visitando as ilhas Galápagos, encontrei um grupo de turistas venezuelanos que não pareciam satisfeitos com seu governo ao fazerem o comentário desairoso: “Em uma solenidade oficial, o mandatário leu seu discurso em quarenta e cinco minutos. O assessor o admoestou: ‘mas presidente, o discurso deveria ser lido em quinze minutos...’. O mandatário, surpreso, retrucou: ‘mas não era para ler as duas cópias?’”.

Passam-se os anos e o mesmo político volta à cena, tentando corrigir as eventuais distorções, mas o que consegue de maneira desastrosa é levar o país a uma inflação galopante, perda do poder aquisitivo da população, desvalorização da moeda e conseqüente grave crise político-institucional com intervenção no governo, detenção do chefe de estado, só se livrando de punição maior em decorrência da idade, deixando definitivamente o país para internação nos Estados

Unidos. Novas eleições, novas esperanças (seria este um mal sul-americano?) e após a instalação de novo governo outra tentativa de golpe militar por um jovem oficial, que é preso e condenado. Porém, acreditando na democracia e novos ventos para sua terra, o novel presidente comuta a pena e manda soltar o oficial rebelado. Ledo engano. Assim que se vê livre inicia uma oratória revolucionária nacionalista (ou chauvinista?) que o leva ao poder, desta vez pela via legal. Contudo, não tardam seus desmandos, provocando um golpe de estado, com a entrega do poder pelos militares a um civil. Mas este — pior a emenda que o soneto —, tenta uma medida arbitrária, dissolvendo de uma só canetada todas as instituições governamentais, na intenção um poder absolutista. Não durou no poder 48 horas. Imediatamente, aqueles que o haviam apoiado, apeiam-no do poder, devolvendo o governo ao militar recém-deposto. Uma confusão. Agora, o recém-possado acentua sua linguagem beligerante, pede plebiscitos para aumentar sua permanência no poder, criando ações populistas com o fito de aumentar sua aceitação pela população, uma espécie de “pai dos pobres”. Tudo isso coincidindo com a grande demanda pelo “ouro negro” com os preços na estratosfera, o que justificaria o emprego dessa fortuna na modernização e construção de institutos tecnológicos de excelência, investimentos em infra-estrutura para tornar o país rico e independente não apenas pelo seu subsolo, mas também por um complexo cultural que elevasse toda a nação a um patamar invejável. Entretanto, o que se vê é o uso de um linguajar belicoso, gastando rios de dinheiro para comprar armas no exterior, estimulando uma corrida armamentista estúpida, que obriga os países vizinhos a um esforço financeiro que poderia ser encaminhado a áreas realmente produtivas. Além disso, incita movimentos cediços criminosos em países vizinhos, promovendo a cizânia, esbanja o rico petróleo em doações a nações interessadas na pregação da revolução armada em outros países e consome a dinheirama ganha com as exportações do precioso óleo para financiar títulos de duvidosa possibilidade de retorno a países não acostumados a honrar suas dívidas externas. Todas essas verbas poderiam ser utilizadas para promover uma verdadeira união dos países latino-americanos, agora sim, dentro de uma pauta de cultura e desenvolvimento sustentado continental. Isso, no entanto, mais parece um sonho de uma noite de verão!

Qual será o mal da Venezuela?

M. I. Rollemberg
Médico Cirurgião

Último sonho

Luis Gastão Costa Carvalho Serro-Azul

Jaz no infinito o meu primeiro sonho,
Projetos de vida e alma cheia de quimeras!
Vieram outros, mais outros, enfim dezenas...
E gratas realizações a duras penas!

Nem faltaram amargos desenganos
Superados pelo tempo que sempre apaga...
Tudo tão fugaz no correr dos anos,
Enquanto novo sonho o coração afaga!

Mas, circunstantes vão desaparecendo,
Circunstâncias vão se modificando
E, assim, meu mundo vai desmoronando...

Agora resta apenas a esperança:
Que a saudade ainda viva —
O melhor momento do meu último sonho.

Dernier rêve

Git à l'infini mon premier rêve,
Dessein de vie — l'âme pleine de chimère!
Arrivent d'autres, de plus en plus, enfin des dizaines...
Et réconfortants réalisations à grand-peine!

Ni manque pas une tristesse fugace
Surmonté par le temps que toujours efface...
Tout à fait éphémère par l'écoulement des années,
Tandis qu'un nouveau rêve le coeur caresse!

Circonstances ont transformé rapidement
Mais, les presents ont disparu graduellement
Et de cette façon mon monde tombe en ruines

Desormais reste seulement l'espoir —
Du souvenir des beaux jours pour revoir
Le meilleur moment de mon dernier rêve.

Garoto Pingue-Pongue

Guilherme Lozi Abdo

*Do rio que tudo arrasta se diz que
é violento. Mas ninguém diz violentas
as margens que o comprimem.*

Bertold Brecht

Entrava em meu consultório no pronto-socorro um garoto de apenas duas décadas de vida, cujo fenótipo — corpo longilíneo, face de traços harmoniosos e arredondados e pele cor de café — me remetia à nossa figura folclórica, saci-pererê, não fosse o fato de possuir as duas pernas. *Garoto de sorte* — pensei —; porém, em uma captação de detalhes mais apurada, percebi que a sorte não lhe era tão atávica quanto parecia. Nosso herói do dia estava descalço, perambulando apenas com meias finas marrons que aqueciam seus pés. Nosso saci-pererê era acometido, não de uma deficiência física motora ou ausência de um membro, mas de um déficit social, que o havia contaminado no momento em que nasceu em um país que cultua a miséria como forma de vida. De forma cordial, solicitou-me permissão para me relatar sua agrura do momento, receoso de que pudesse estar ocupando meu tempo. Tamanha educação, rara nos dias de hoje, já me deixou curioso. Quando, então, consenti que falasse, começou a fazê-lo de forma ininterrupta, como se estivesse vomitando o que o nauseava há anos, desde que adquiriu maior capacidade para compreender a lógica do mundo ilógico. Disse-me que foi trazido ao hospital por policiais que chegaram a agredi-lo, pois estava alcoolizado.

Há três anos vive, ou tenta viver, alternando entre a casa de sua mãe e a nova família de seu pai, o qual lhe havia feito uma promessa de ajudá-lo. *Procurou dizer que se a motivação está revestida de culpa, melhor não fazer nada.* Porém, em sua ingênua e salutar visão de ter finalmente reencontrado seu pai herói e salvador, abraçou a oportunidade de que todo filho gostaria — foi morar com seu pai —, afinal, não era nada difícil abandonar uma mãe rendida pela droga, cujos supostos padrastos espancavam o garoto quando este pisava em seu “lar”. *Isso é que é viver em “casa de caboclo”, como diria um saudoso amigo.* O sapo estava hipnotizado pela serpente pronta para dar o bote. Algumas sedução são perigosas...

Nosso herói não imaginava que o custo de ter seu pai de volta era conviver com sua nova família, a qual passou a hostilizá-lo, fazendo com que nosso herói virasse o filho bastardo, um nó não digerido pela família que queria engoli-lo vivo (ou esfolado). Suas duas “irmãs” não o interpelavam e, quando inquiridas, dirigiam-lhe a palavra com o mais deplorável vilipêndio que a percepção de um ser humano pode captar. E sua “má-drastra” (*desculpe o trocadilho*), no mais puro exercício do cinismo cão, conversava com ele apenas na presença do pai, configurando uma atitude de falsa harmonia familiar. Seu pai nada percebia, talvez porque cultivasse uma idiotice crônica ou estivesse cego demais tentando elaborar sua culpa inconsciente que o obnubilava de um melhor discernimento da realidade. Uma verdadeira violência psíquica que, quando aplicada de forma sistemática, predispõe ao rompimento com a saúde mental e desencadeia o sofrimento psicológico inerente às vivências traumáticas, com efeitos deletérios significativos e permanentes, principalmente quando se trata de área tão nobre como nossa mente, sobre a qual pouco se sabe e muito se estraga no dia-a-dia santificado e vulgarizante de nossos atos.

Como toda pessoa que preserva o mínimo de auto-estima, nosso herói procurou se afastar da fonte de angústia e resolveu voltar para casa de sua mãe, sem dar satisfação para seu pai, que também não o procurou, provavelmente por estar muito ocupado gozando do alívio do fardo que lhe tinha sido retirado. Não levou muito tempo para o garoto ser espancado pelos padrastos e aviltado pela mãe, que estava mais preocupada em cheirar seu pó branco mágico e viver entorpecida no submundo pseudológico fantástico regado a distanciamento emocional e fuga da realidade. *É mais fácil agredir aquilo que não entendemos...*

Ainda tentando preservar sua auto-estima, que provavelmente já estava dilacerada, nosso herói, em busca de sua

preservação psíquica, retoma sua odisséia vivencial, procurando novamente abrigo material e emocional nos subsídios precários de seu pai (*sabe como é, pai é sempre herói, não importa o que faça*), que o aceita para não carregar a culpa em seu esquite. Longe de ser uma “boca a mais para comer”, nosso herói manteve-se trabalhando esse tempo todo, ajudando nas finanças. Seu senso de responsabilidade impressionava. Mantive-me atento ao seu relato, percebendo um bom controle emocional ao tocar em temas tão delicados, mostrando-se bem articulado e sem tangencialidades ao relatar suas vivências dolorosas.

Reconstituído o palco para a atuação da família engolidora, o cenário já estava montado e os artistas prontos para atuarem em seus papéis, cada qual com sua função estratégica de infiltrar nos meandros mentais de nosso herói algumas bombas para destruir os alicerces de seu controle psíquico. Esse é o verdadeiro psicodrama da realidade, pois não há tempo para reconfigurar a experiência negativa.

Vivendo em situação tensa constante, a fagulha não tarda a surgir. Após ostensivos e sistemáticos comportamentos vilipendiosos à sua estrutura humana, nosso herói revestiu-se de anti-herói e vai procurar seguir o exemplo maternal, buscando o entorpecimento emocional nos destilados das esquinas do desespero. Tentando se recompor, volta para casa intoxicado, sendo visto pela “má-drasta” (*não consigo evitar*), que deixa o cinismo de lado e mostra-lhe o livro da verdade, usando como pano de fundo para a expressão de raiva sua face inchada e sua fala pastosa de cachaça barata. Entram em cena suas irmãs, já em tom acusatório, revelando (*não sei para quem*) não gostarem dele e que, por isso, ele deveria ir embora. Nosso agora anti-herói, revestido de coragem destilada, escancara todos os seus sentimentos de revolta com rompantes de explosividade. Amedrontadas, as mulheres da casa, percebendo não dar conta da situação que cultivaram com primor por tantos meses, chamaram a polícia para nosso herói-bandido, que recebeu tratamento sutilmente violento, levando nosso agora quase bandido a um comportamento de defesa, tornado-se hostil com os policiais e a equipe do hospital. Enfim, recebeu um tratamento de “bêbado”. Na emergência, obviamente nosso querido e agora descaracterizado “herói anti-herói-bandido” sofreu os processos de tipificação e reificação, tão banais em nossos dias de beligerância urbana, sendo tratado com o mesmo vilipêndio que lhe era familiar.

Bêbado, louco, maluco, “malaco”, “nóia”: tanto rótulo para quem não quer abrir as cortinas da verdade e se deliciar com o espetáculo da essência do comportamento humano repleto de componentes de temperamento e caráter, o que faz com que cada pessoa tenha uma reação peculiar a partir do estímulo que recebe. Depois de um dia no hospital, nosso herói já estava recuperado e, sob o manto da tristeza, retoma a saga e o desafio maior de buscar um lugar digno para se viver. Seus sapatos haviam sumido, restava-lhe talvez ainda um pouco de dignidade para que pudesse continuar seus passos rumo à incerteza do porvir. Mas agora, pelo menos os passos iniciais, teriam de ser descalços...

Que ajuda poderia ser oferecida a esse pobre herói? Um diploma guardado em meu armário não me serviu de subsídios para tamanha aflição existencial e problemática social.

E assim partiu nosso herói, feito bola de pingue-pongue, sendo jogado de uma casa para outra, inserido em um jogo perverso em que ninguém marca ponto. A pior violência é aquela subliminar e insidiosa, pois geralmente não é identificada e vai aos poucos corroendo estruturas psíquicas fundamentais para um bom desempenho social. Portanto, quando se vê uma manifestação violenta, talvez seja prudente imaginar sua origem.

Nosso saci-pererê também é um deficiente: um deficiente social, um filho da miséria espiritual que assola um país que anda em passos largos, ou melhor, em trotes largos de “eguinha-pocotó” para um abismo existencial. Um país que privilegia a aparência à essência e que não pode imaginar prosperidade futura nem formar cidadãos cuja moralidade transcenda aspectos instintivos. Sem as necessidades básicas saciadas, não se pode falar em ética.

Somos todos culpados. Somos todos inocentes. Somos filhos da mesma nação. E salve o *Big Brother*, o folclore de nosso país.

Guilherme Lozi Abdo
Médico Psiquiatra

Sonhos

Cansado da faina
adormeci. Não sei quando
sonhei; laranjeiras em flor,
pomares em profusão,
folhas balouçando ao vento
fresco da tardinha quando
se põe o sol. Uma brisa
acariciava a pele
com suavidade invulgar.
Tudo sossegado transpirava
a leveza do corpo antes exausto.
O gorjeio dos pássaros aqui
e acolá inoculava uma
alegria incontida na alma.
Senti o meu canto e o meu amor.
O amor que me faz ter ciúmes
do próprio canto, da brisa que
percorre o corpo de mulher amada
e do próprio vento.

Sorvi o vinho de uma boa vindima.
Bebi cada gota em louvor a mulher dos meus dias.
Vi a beleza resplandecente de suas faces.
Faces frescas que me alegraram
os olhos e que cintilaram no
meu pensamento. Não há quem
não se coloque genuflexo à visão
de sua beleza. Ela é esbelta, esguia,
até os caules floridos se
inclinam a sua passagem como súditos.
Dos seus lábios doces como o mel senti minha própria alma.
Súbito um barulho perturbador;
volvi dos encantos de mulher
amada; senti-me desolado.
Finda a alegria da beleza das flores, dos pássaros, da
mulher amada e dos sonhos meus,
sonhados, adormecidos da faina.

Afif Sadi

Minguante

Aluo em minguante o quarto. Na savana, seu corpo
afro. No entre uma fogueira cuspidando da terra faz abis-
mos nos interstícios. Ao tempo de pouso pleno, o barco
se arrasta e fatia mares, ajeito amores como se fossem
seios, ouço silêncios sobre pedras, as vagas, ruidosos
sopros de perdas. Abro a janela, mato a lua com a luz
de fora, prendo seu corpo no ontem, tempos fugidios,
de estrelas assassinas.

Simulacro

Deitados sobre o varal, desses modernos e práticos,
de chão, um tigre e um leão, como se fossem flagrados
por uma máquina fotográfica, expondo a pelúcia ao sol,
estáticos, como se brincassem. Isso mesmo! Assim são
os animais na cidade, simulacro dos reais, feitos de men-
tirinha, imitações, sem rangidos, como seus donos.

Carlos Alberto Pessoa Rosa

DEPARTAMENTO CULTURAL

Diretor: Ivan de Melo Araújo – **Diretor Adjunto:** Guido Arturo Palomba

Conselho Cultural: Duílio Crispim Farina [presidente (*in memoriam*)] – Celso Carlos de Campos Guerra (*in memoriam*)

José Roberto de Souza Baratella – Rubens Sergio Góes – Rui Telles Pereira

Cinemateca: Wimer Botura Júnior – **Pinacoteca:** Aldir Mendes de Souza (*in memoriam*)

Museu de História da Medicina: Jorge Michalany

O Suplemento Cultural somente publica matérias assinadas, as quais não são de responsabilidade da Associação Paulista de Medicina.